

UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA PARA AS RELAÇÕES DO SUJEITO

Ester Damasceno Ribeiro Miranda¹

Andréa Aparecida Fernandes²

RESUMO:

O presente estudo tem como objetivo compreender a contribuição do grupo familiar para as relações que o sujeito estabelece ao longo de suas vivências, pois, a família ocupa um lugar de extrema relevância no desenvolvimento de seus membros, representando o primeiro grupo de pertencimento do sujeito, sendo conhecida como grupo primário. No artigo foi utilizado o método qualitativo, a partir do estudo de um caso que foi analisado pelo discurso e interpretado pela psicanálise. Ao longo da pesquisa foram abordados temas como o histórico familiar, a parentalidade, a família numa visão psicanalítica, a relação mãe-bebê e as transmissões psíquicas geracionais. Mediante os temas mencionados foi possível compreender como o ser humano se organiza em suas relações, influenciados pela forma que o grupo familiar se estrutura em relação aos seus indivíduos. Com isso, também foi possível, através do estudo de caso clínico, observar como a família é uma precursora da formação psíquica do sujeito. Sendo assim, percebe-se a necessidade de mais estudos nessa área para que a família e as relações interpessoais estejam bem amparadas cientificamente.

Palavras chave: Família; Relações; Psicanálise; Sujeito; Mãe; Édipo; Transmissão.

1. INTRODUÇÃO

A família ocupa um lugar de extrema relevância no desenvolvimento psicológico, emocional, físico, cognitivo e comportamental de suas crianças e adolescentes, sendo assim os adultos refletem conscientemente ou inconscientemente grande parte do que viveram e aprenderam durante as fases de infância e adolescência no âmbito familiar. Todo indivíduo precisa se relacionar com o outro para que assim se constitua como ser no mundo, pois, desde o nascimento o ser humano se desenvolve no contexto grupal, sendo o primeiro grupo de pertencimento o da família. Não é apenas o indivíduo que está incluso em um grupo, mas sim o grupo está internalizado no indivíduo o definindo como sujeito (CORREA, 2000).

Segundo Eiguer (1985), o grupo familiar carrega consigo um denominador comum dos fantasmas inconscientes, podendo ser explicado como o aparecimento de sinais relacionados a

¹ Graduanda em Psicologia do Centro Universitário Mário Palmério (UNIFUCAMP), estermiranda@unifucamp.edu.br

² Mestre em Psicologia – Universidade Federal de Uberlândia, Campus Umuarama, andreafernandes@unifucamp.edu.br

traumas vivenciados pelos antepassados e não pelo sujeito em questão. Sendo assim, os membros do grupo projetarão sobre outros membros suas relações com os objetos fantasmáticos, numa tentativa de aliviar suas tensões inconscientes. A partir de determinadas projeções, cada sujeito é colocado inconscientemente em um lugar e com uma função no grupo familiar. Segundo Correa (2000), a família é o espaço de circulação da transmissão psíquica, sendo o ambiente familiar aquele que proporciona a transmissão psíquica intergeracional (entre sujeitos ou gerações) e a transmissão psíquica transgeracional (passagem direta através das gerações). Sendo assim, o sujeito inconscientemente carrega uma herança psíquica geracional que interfere em toda sua constituição identitária.

Ao longo da vida outros grupos de socialização vão surgindo agregando referências afetivas, valores, princípios, propósitos e sentimento de pertencimento. Mesmo que o ser humano faça uma movimentação para outros grupos sociais, sempre terá a família como grupo de origem ou grupo primário, sendo aquele que transmite as primeiras experiências psicológicas, bem como auxilia no desenvolvimento e aprendizado do ser enquanto criança. Por isso, para Correa (2000), o desamparo inicial do ser humano necessariamente cria um vínculo de dependência do mesmo em relação ao seu grupo primário.

É importante destacar que não existe um modelo ideal de família e é impossível existir um agrupamento familiar universal, ou seja, quando falamos de família falamos daquilo que é diferente entre si, que se move a todo tempo e que sempre está buscando objetivos diferentes. Infelizmente corremos o risco de tentar padronizar o agrupamento familiar, muitas vezes colocando-o em categorias como famílias estruturadas e não estruturadas, menosprezando as novas formas de agrupamentos familiares como famílias monoparentais, pluriparentais, adotivas, interculturais, entre outras. É interessante conhecermos os diversos formatos da constituição familiar para assim, sermos livres dos preconceitos e entendermos a singularidade de cada uma delas e a função que exercem sobre seus membros.

Pensando nessa importância da família para a constituição emocional do sujeito este artigo tem como objetivo compreender como o ambiente emocional familiar influencia nas relações que o sujeito estabelece ao longo da vida. Para tal será realizado um estudo de caso clínico qualitativo, buscando compreender a interferência do ambiente familiar na constituição psíquica do sujeito, bem como ter o entendimento da história da família e sua influência na

cultura. O estudo também irá abranger conceitos psicanalíticos que estão presentes no caso em questão.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 História da família

Na antiguidade a família se relacionava entre si da mesma maneira que transitavam com outras pessoas da sociedade, não havia tanta distinção entre os investimentos afetivos dos membros da família e os outros membros da comunidade. A partir do momento que houve o recolhimento dos membros da família em uma casa, com espaço de convivência delimitado que passou a existir privacidade, troca entre os sujeitos e a noção de família (PASSOS, 2009). Então, somente com a convivência no mesmo ambiente físico que a afetividade, o vínculo e o reconhecimento começaram a surgir, gerando assim o que conhecemos como grupo familiar. É importante destacar que o recolhimento da família em uma casa foi o que proporcionou a intimidade e o sentimento de pertencimento e vinculação a um grupo de origem.

Segundo o psiquiatra Birman (2017), ao longo da história a família foi sofrendo uma transformação em relação aos seus problemas, personagens, prioridades e escala. Podemos falar sobre três grandes períodos na evolução da família sendo eles: Família Pré-Moderna ou Tradicional (Séc. XVI ao séc. XVIII), Família Moderna (Séc. XVIII a 1960), Família Contemporânea ou Pós-Moderna (1960/1970 até hoje). O primeiro período mencionado foi marcado pelo patriarcado, em que o pai era visto como uma figura de poder absoluto, soberano e a mãe era vista apenas como reprodutora, nessa época, no contexto familiar, as crianças eram tratadas como adultos em miniaturas, não havendo a distinção entre um adulto e uma criança, em contrapartida os velhos eram vistos como guardiões da memória e pessoas dotadas de sabedoria, a família respeitava a figura do idoso. Roudinesco (2003), apresenta o pai da família tradicional como a encarnação familiar de Deus. Sua autoridade jamais era contestada, e sua figura era sagrada: a imagem do Deus do Velho Testamento, do herói e guerreiro. As famílias desse tempo tinham como objetivo garantir a transmissão do patrimônio, promovendo casamentos arranjados dos filhos, sem que os mesmos estivessem interessados. A família Tradicional era conhecida como família extensa pela presença marcante de vários membros da família, como os avós.

O segundo período conhecido como Família Moderna é caracterizado pela igualdade de direitos e fim da hierarquia entre homem e mulher vindos da Revolução Francesa que buscava direitos iguais e defendia a igualdade, liberdade e fraternidade. Nesse período a mãe tem um papel de educar, amar, administrar o lar, e o pai tinha a função de ocupar os espaços públicos, nesse momento, segundo Roudinesco (2003), a paternidade começou a ser inspirada pelo Deus do Novo Testamento, sendo assim o pai era representado como mais amoroso, tolerante e respeitado. Houve um grande investimento nas crianças, agora elas eram vistas como um objeto de transformação para o futuro, em contrapartida os idosos começaram a ser desvalorizados. A família moderna era centralizada em pais e filhos.

Adentrando na família contemporânea temos como características uma família com uma alta valorização das mulheres que saem de casa em busca de independência e de conquistarem um lugar na sociedade, nesse período familiar os casamentos não são duradouros, sendo rompidos assim que o desejo entre os parceiros acaba ou assim que problemas começam a surgir. Aqui se torna muito comum o estilo de família monoparental em que os filhos são criados por apenas um dos pais, ou então filhos de casamentos anteriores que integram uma nova família, gerando assim diferentes regimes de autoridades na vida da criança. O divórcio começa a marcar enfaticamente esse tempo familiar, sendo assim, o papel de educação e socialização primário vai sendo transferido para escola, pois os pais deixam de possuírem autoridade sobre os filhos e não possuem também tempo e disposição para cumprir com esta função. Roudinesco (2003), defende que a família contemporânea vem garantindo a reprodução das gerações e que, embora feita de feridas íntimas, violências silenciosas e lembranças recalçadas, ainda representa um valor e um local de segurança o qual as pessoas não desejam renunciar: “Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições” (p. 198). Assim, apesar de cada vez mais dessacralizada, a família permanece sendo a instituição humana mais sólida da sociedade.

Vemos então que o grupo familiar foi se alterando ao longo da história gerando assim uma modificação na forma de pensar e agir do sujeito enquanto membro da constituição familiar. Segundo Vaitsman (1994, p. 15), “... o que caracteriza a família e o casamento numa situação pós-moderna é justamente a inexistência de um modelo dominante, seja no que diz respeito às práticas, seja enquanto um discurso normatizador das práticas.” Sendo assim, percebemos que

a cada dia novos formatos de família vão surgindo e se modificando, portanto, cabe a sociedade respeitar e entender que cada grupo familiar é singular e que todos tem a responsabilidade de contribuir numa formação saudável do sujeito. Vale ressaltar que o histórico familiar ao longo do tempo contribuiu para que houvesse uma emancipação do sujeito enquanto ser individual, pensante e autônomo. Vemos que as modificações na cultura familiar, interferiu na maneira de se portar no âmbito familiar, influenciando diretamente na criação dos filhos e no relacionamento conjugal, moldando assim a cultura social em que cada família estava inserida. Segundo Passos (2009), cada tipo de família cria suas próprias demandas, não inteiramente novas, produzidas por um complexo entrecruzamento entre o novo e o velho, o individual e o coletivo, o visível e o invisível.

2.2 Parentalidade

Os estilos parentais representam o conjunto de atitudes que são comunicadas aos filhos, e que juntas apresentam um clima emocional (DARLING; STEINBERG, 1993). Segundo Baumrind (1965, 1966, 1968, Apud CARDOSO; VERÍSSIMO, 2013), podemos citar três tipos de estilos parentais, sendo eles: autoritário, permissivo e autoritativo. Os pais caracterizados pelo estilo autoritário prezam pela obediência de normas e pelo respeito à autoridade, buscam controlar o comportamento dos filhos dentro de padrões vistos como aceitáveis. Nesse estilo de parentalidade a comunicação é falha, pois os filhos não podem questionar os pais tendo que aceitar suas imposições, esse fator inibe a autonomia da criança ou adolescente.

Os pais cujo estilo parental é o permissivo não exercem a imposição de regras e controles sobre os filhos e não impõem limites permitindo comportamentos inadequados, não exigindo atitudes maduras e cumprimento das tarefas, deixam as crianças e adolescentes exercerem a autonomia não interferindo em suas decisões. Geralmente os filhos se sentem dependentes dos pais permissivos. Já os pais com estilo de parentalidade autoritativo tendem a controlar os filhos de forma racional, levando em consideração a obediência e também a autonomia. Esses pais estabelecem diálogos explicando os motivos por traz de regras e decisões. Esse estilo é considerado mais adequado para o desenvolvimento da criança e adolescente.

Mais adiante Baumrind (1989, Apud CARDOSO; VERÍSSIMO, 2013), fala num quarto estilo de parentalidade caracterizado por negligente, sendo o mais prejudicial de todos esses

estilos é caracterizado pela falta de exigência por parte dos pais e também por falta de encorajamento da independência dos filhos, é demonstrada uma extrema falta de participação e interesse por parte dos pais, geralmente são indiferentes, ocupados, preocupados com seus próprios afazeres, não oferecem afeto e são inacessíveis. Os filhos com pais negligentes tendem a apresentar problemas comportamentais, tristeza, desmotivação e insegurança.

Portanto, tendo em vista os estilos de parentalidade mencionados acima, vemos que as atitudes dos pais para com seus filhos interferem diretamente no desenvolvimento cognitivo, emocional e psicológico dos mesmos. Dependendo da postura adotada pelos pais a criança ou adolescente pode crescer com insegurança, medo, desconforto, dependência emocional, baixa autoestima entre outras características que influenciam diretamente na formação do indivíduo.

Para a Psicanálise, a função parental é um equilíbrio satisfatório entre o investimento narcísico e objetal nos filhos, (Algarvio, Leal, Maroco e Serra, 2008, Apud VELUDO; VIANA, 2012). Sendo assim, os pais depositam objetivos narcísicos em suas crianças, buscando ser preenchidos e realizados por meio dos filhos. Em seus textos, Freud (1914 /1990), imprime que o amor parental é um retorno e reprodução do narcisismo dos pais, que colocam o filho no lugar de “Sua Majestade, o Bebê”, procurando resgatar seu próprio narcisismo infantil perdido ao longo do tempo. É importante ressaltar que a parentalidade começa muito antes da gestação ou do nascimento do bebê, a mesma tem início no desejo dos pais; quando analisamos as brincadeiras de bonecas, ou as fantasias infantis, vemos que as representações maternas antecedem a gestação, começando logo na infância. Clement (1985, Apud LEMOS; NEVES, 2019), afirma que “Tornar-se pai” é um processo complexo consciente e inconsciente, sendo assim no processo de parentalidade permeiam desejos desconhecidos que estabelecem o “tornar-se pai e mãe”.

Sabemos então que o processo de filiação se inicia antes mesmo do nascimento do bebê, com processos de representações dos pais sobre a parentalidade. Golse (2002), apresenta quatro formas de representações parentais: o bebê fantasmático, aquele que os pais têm em mente a partir da sua própria história, gerado por fantasias inconscientes; o bebê imaginário, como uma representação menos inconsciente pertencente ao casal, como traços imaginados, sexo, etc.; o bebê narcísico representando os ideais dos pais de como o filho irá sucedê-los; e o bebê mítico ou cultural, que se refere a um grupo de representações coletivas de uma determinada sociedade em um determinado momento. Essas representações interferem

diretamente nas interações e trocas dos pais com seus filhos podendo facilitar ou dificultar o processo de vínculo e afetividade dos cuidadores com seus bebês. Vale ressaltar que essas representações podem se misturar e alternar na relação com o bebê real proporcionando um lugar de fantasias e imaginações na troca com o bebê, podendo causar conflitos inconscientes nos pais que em contrapartida acabam projetando na relação com o filho.

2.3 A Família na visão Psicanalítica

Inicialmente a ideia de família na psicanálise freudiana remete à questão religiosa com *Moisés e o Monoteísmo* (FREUD, 1939/1976). Essa família, caracteriza-se pela ausência da lei e pelo império de um pai não submetido à mesma, devorador e incestuoso. Logo em seguida tem-se então a família com base no complexo de Édipo que foi pensada por Freud no final do século XIX, quando introduz a ideia de que o pai gera um filho que logo será seu assassino. Sendo assim, o complexo de Édipo freudiano tem como base dois desejos recalçados, sendo eles, o desejo do incesto e o desejo de matar o pai, posto isto, Freud cria uma teoria da família e da sociedade com base na culpa e na lei moral. Freud (1924/1976), estabelece o complexo de Édipo como um princípio essencial da Psicanálise, girando em torno da culpa que Édipo carrega em desejar sua mãe, não especificamente por ter matado o pai.

Melaine Klein (1970) acrescenta à acepção psicanalítica de família o acesso à vida imaginária da criança, as suas imagos maternas e paternas, bem como a vivência de seus objetos parciais. Diferente de Freud, Klein (1970) afirma que a angústia humana mais fundamental não é o medo de castração, mas o medo de sua própria destruição.

Já para psicanálise Lacaniana, a família é organizada por imagos, conjuntos de representações marcadas pelo materno e paterno. Existe então uma revalorização simbólica do pai através da interdição obrigatória da mãe (CARVALHO FILHO, 2008). Segundo Roudinesco (2003), Lacan situava a função da aspiração e da abertura do lado da autoridade paterna, da qual o complexo edípico era a expressão, uma vez que introduzia uma triangulação que separava o filho da mãe. Segundo Lacan (1997), em uma família, as funções de mãe, de pai e de filho, que se relacionam e constituem o do sujeito. É no contato da criança com o Outro inicialmente representado pela mãe, pela linguagem, que ela se constitui como sujeito.

Sendo assim, segundo Carvalho Filho e Chaves (2014), o que a psicanálise propõe é que a família passa ser vista não como uma massa, uma soma de individualidades, mas, sim, como um conjunto aberto, uma coleção de singularidades, em que cada membro possa ser tomado um-a-um. Portanto, a família deve ser considerada com suas particularidades, não sendo pensada e reproduzida como um modelo.

Dentro dos estudos psicanalíticos vemos que todo ser humano possui uma herança genealógica que constitui as bases da vida psíquica, entretanto essa herança é processada inconscientemente e conscientemente. Sendo assim, a Transmissão Psíquica entre gerações é de extrema relevância para constituição subjetiva do sujeito; a mesma acontece desde que há a inscrição do bebê na família, desta forma, segundo Correa (2000), o grupo familiar é mobilizado para uma tarefa pré-consciente e inconsciente de construção da matriz de representações de imagens e de lembranças que constituem significações previamente filtradas, censuradas e organizadas na transmissão psíquica.

Existem dois tipos de transmissão psíquica sendo elas: Transmissão Psíquica Intergeracional e Transmissão Psíquica Transgeracional. A primeira é conhecida por estar entre as gerações, sendo possível a modificação dos conteúdos transmitidos, ocorrendo a simbolização das histórias de seus antepassados. Segundo Granjon (2000, Apud SANTOS; GHAZZI, 2012), a transmissão psíquica intergeracional é entendida como um trabalho de ligações e de transformações, no qual a passagem de uma geração à outra é acompanhada por uma modificação daquilo que é transmitido. Isso provoca uma receptação, um acolhimento daquilo que foi transmitido por aquele que recebe a transmissão. Já a Transgeracional é conhecida por “atravessar as gerações”, ela ocorre sem modificações e se impõe em estado bruto aos descendentes. Granjon (2000, Apud SANTOS; GHAZZI, 2012). Segundo Correa (2000), esse estilo de transmissão pode ser caracterizado como aquilo que foi escondido ou calado pelos ancestrais, bloqueando o processo e se transformando numa transmissão alienante e não estruturante para o sujeito. Segundo Braga (2011), o trabalho do negativo no psiquismo corresponde a essa dimensão da transmissão, em que um objeto psíquico pode permanecer em segredo, “escondido” pela primeira geração, mas, mesmo assim, acaba sendo transmitido à segunda geração, por meio de manifestações não verbais ou mesmo de passagens ao ato. Na maioria das vezes a culpa e a vergonha são as organizadoras desse tipo de transmissão.

Partindo do princípio que a transmissão psíquica está presente na estruturação do sujeito, podemos constatar que a vida particular de uma pessoa pode se tornar alienada pela interdependência psíquica, pois ela pode, ser a reprodução programada e automática de várias histórias de familiares que vieram antes dela (HORSCHUTZ, 2009). Sendo assim, o passado familiar marca consideravelmente o presente de uma pessoa, assim, o indivíduo só conseguirá realizar sua própria história quando realizar conscientemente uma síntese da história familiar que foi herdada.

2.4 Relação mãe-bebê

Winnicott (1998, Apud GUTIERREZ; CASTRO; PONTES, 2011), destaca que as experiências infantis são fundamentais no processo de configuração e estabelecimento de vínculos afetivos futuros, sendo assim a vivência da maternidade terá como cenário outros vínculos da vida da mãe, principalmente o vínculo primitivo, com seus próprios pais. É importante salientar que a infância da mãe durante o desenvolvimento de sua maternidade aparece em formas de processos regressivos fazendo com que ela deseje “voltar atrás, voltar a ser a filhinha de sua própria mãe” (SZEJER e STEWART, 1997, p. 87, Apud GUTIERREZ; CASTRO; PONTES, 2011). A mãe carrega consigo lembranças de ser um bebê e de ser cuidada por alguém, essas lembranças podem interferir positivamente ou negativamente na sua experiência enquanto mãe, inclusive alguns sintomas durante a gestação se assemelham com as primeiras funções do recém-nascido reforçando a ideia do processo de regressão, em que a mãe entra em contato com sua própria infância.

Inicialmente a relação mãe-bebê é marcada por um investimento narcísico da mãe, segundo Aulagnier (1979, Apud RODRIGUES; LAZZARINE, 2014), esse investimento é narcísico, pois ela investe nela mesma, pois o bebê dela faz parte de seu próprio corpo. E também o bebê é marcado pelo narcisismo primário, em que o investimento libidinal dele está destinado ao seu próprio corpo, sendo reforçado pelos pais, criando uma “onipotência entre narcisismo nascente do bebê e narcisismo renascente dos pais” (POULICHET, 1989, p. 42).

Ainda sobre essa ligação extrema entre mãe-bebê Gutierrez, Castro e Pontes (2011), traz que o recém-nascido no estágio de dependência absoluta acredita que o mundo é uma criação sua, vivendo uma dependência absoluta da mãe. Nesse período Winnicott denomina

como “preocupação materno primária” o processo de identificação da mãe com o bebê no qual a mãe é sensível para perceber e suprir a necessidade do filho lançando as bases de sua saúde mental. Durante o período de dependência absoluta da relação mãe-bebê, o pai acaba assumindo o papel de mãe substituta. Sendo assim, para exercer essa função não é necessário que o lado masculino esteja atuando, mas sim o lado materno: “O pai participa (dos cuidados do bebê) indiretamente enquanto marido, e diretamente enquanto mãe-substituta” (WINNICOTT 1955, p. 451, Apud ROSA, 2009).

Nesse mesmo sentido Bowlby (2006, Apud GUTIERREZ; CASTRO; PONTES, 2011), afirma que nos primeiros anos de vida da criança, a mãe funciona como sua personalidade e consciência. Portanto, segundo Dias (2003), os estágios que o bebê, gradualmente, passa da dependência absoluta à dependência relativa da mãe fazem parte das etapas iniciais do amadurecimento. O estágio de dependência relativa se caracteriza como uma desadaptação gradual da mãe com relação as necessidades do bebê; essa desadaptação da mãe é imprescindível para o início do rompimento da unidade indiferenciada mãe-bebê.

Ainda segundo Dias (2003), a desadaptação da mãe dá início a um processo de desilusão da criança, porém essa desilusão só pode ocorrer se houver uma bem fundada capacidade para a ilusão. Segundo Winnicott (Apud, DIAS, 2003), o que o bebê deixa para trás ao amadurecer não é uma ilusão básica, mas sim a ilusão de onipotência.

Freud (1914/1990, p. 88), diz que “o comovedor amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa que o narcisismo ressuscitado dos pais que, em sua transmutação ao amor de objeto revela sua primitiva natureza”. Sendo assim, podemos pensar que para um sujeito investir libidinalmente em um objeto ele precisa, originalmente, ter sido investido por outro, ou seja, para tornar-se sujeito foi necessário passar pela posição de objeto (FERRARI; PICININI; LOPES, 2006).

Ainda pensando nesse investimento necessário Green (1988, Apud RODRIGUES; LAZZARINE, 2014), afirma que a construção do eu corporal ocorre por meio do olhar da mãe e do espelho que esta representa para o bebê. Portanto o olhar da mãe é indispensável para a constituição psíquica do bebê, pois inicialmente o recém-nascido comunica com o mundo por meio do corpo (choro, sorrisos, cólicas, gritos), sendo assim o investimento que a mãe oferece ao bebê fornece a ele limites e segurança, questões estas que farão parte do psiquismo do bebê.

É fundamental destacar que o espelho da mãe se caracteriza como um reflexo do que ela vê no filho e daquilo que ela devolve a ele, sendo assim o investimento narcísico materno proporciona a mãe refletir a imagem que vê em seu bebê em vez de refletir sua própria imagem e desejo.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como método um estudo de caso clínico-qualitativo. Segundo Turato (2000), os métodos qualitativos possuem cerca de um século, surgindo com estudos antropológicos, culturais e psicanalíticos. É importante ressaltar que para os pesquisadores qualitativos não bastam os dados, mas é necessário a interpretação e imaginação para compreender o que determinados dados revelam para os indivíduos e para sociedade. Bogdan e Biklen (1994), definem o alvo do pesquisador qualitativo como:

Eles procuram entender o processo pelo qual as pessoas constroem significados e descrevem o que são aqueles significados. Usam observação empírica porque é com os eventos concretos do comportamento humano que os investigadores podem pensar mais clara e profundamente sobre a condição humana (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 38).

Segundo Bolsson e Benetti (2011), o método clínico-qualitativo é voltado para os settings das vivências em saúde, buscando interpretar os significados, trazidos pelos sujeitos, dos múltiplos fenômenos dos seus problemas. O aspecto clínico-qualitativo, desta pesquisa em questão, se insere na perspectiva da psicanálise, sendo assim, o pesquisador está incluso como um instrumento de pesquisa. Para tal será realizado um estudo de caso clínico qualitativo. Interpretando e analisando os acontecimentos familiares que influenciam na constituição psíquica do sujeito, interferindo assim, nas suas relações interpessoais, bem como ter o entendimento de como o legado familiar que é transferido psiquicamente para as gerações posteriores interferem nas escolhas afetivas e emocionais do ser humano

3.1 Unidade Caso

A presente pesquisa foi construída a partir do estudo de caso clínico de uma mulher de 26 anos, do sexo feminino, que tem como nome fictício Angélica, sendo a unidade caso escolhida intencionalmente. A mesma buscou atendimento em uma Clínica Escola de uma cidade do

interior de Minas Gerais com o intuito de aprender a lidar com sua ansiedade e insegurança. Foram realizados quinze atendimentos remotos, com frequência semanal e uma duração de aproximadamente cinquenta (50) minutos por sessão. Os atendimentos foram realizados com o enfoque na abordagem psicanalítica, contando com a técnica da associação livre, dentre outras.

Angélica é uma mulher divorciada e independente que busca alternativas para lidar com sua solidão e insegurança, a mesma chega na psicoterapia relatando que foi abandonada pela mãe, na infância, e que foi criada pela sua avó paterna e seu pai. A mulher se queixa de ser muito ansiosa, bem como controladora, tendo grandes prejuízos na sua vida, como enxaquecas constantes, crises de ansiedade, insegurança e problemas emocionais em seus relacionamentos. Durante a psicoterapia, Angélica leva questões de seu relacionamento com a mãe, que acaba sendo bastante conturbado, a paciente conta que sua mãe não a reconhece como filha e que nunca a amou de fato.

A paciente relata que durante toda a infância sua mãe foi ausente; a mesma não ligava em aniversários, nunca comparecia em festinhas como para o dia das mães e não acompanhava o desenvolvimento da filha. Angélica afirma: “tenho uma relação fria e superficial com minha mãe, apenas a respeito a pedido do meu pai”. A relação de ambas na atualidade é composta por conflitos e desentendimentos originados de rivalidades e competições. Angélica diz se relacionar com a mãe apenas por obrigação, ela afirma: “minha mãe é muito complicada e sempre acaba me decepcionando de alguma forma”, a mesma relata não conseguir dizer não para a mãe, sempre cedendo de alguma forma. Já a relação com o pai, é baseada em afetos e boas lembranças. A paciente diz amar muito o pai e conta que ele sempre esteve presente, oferecendo cuidado e carinho. Angélica diz: “o único amor que eu realmente tenho é o do meu pai”.

Ao longo das sessões, Angélica fala sobre o término do casamento; a paciente diz não ter certeza sobre a existência de amor pelo ex-marido, a mesma afirma que resolveu casar para ter segurança financeira, já que naquele momento ela não tinha proteção e segurança de ninguém, pois a avó com quem morava havia acabado de falecer. Mesmo sem amor, ela declarou que procurava companheirismo e parceria, pois seu sonho sempre foi “constituir a família que ela nunca teve”. Porém, no casamento ela se deparou com uma situação diferente do que imaginava, seu ex-marido era alcoólatra, sempre a deixando sozinha durante a noite e em finais

de semana para ir beber com amigos. Mediante os relatos acima a paciente se sentia sozinha e trocada pela bebida, resolvendo assim, por um fim no casamento e começar sua vida do zero.

No processo de autodescoberta que foi acontecendo durante as sessões, a mulher também começou a se queixar de ser solitária, não podendo contar com amigos ou familiares. A paciente relata que as pessoas não a enxergavam como alguém que poderia precisar de ajuda, já que ela sempre solucionava suas questões sozinha e nunca solicitava o auxílio de ninguém. Angélica conta que todos ao seu redor tem a visão de que ela é uma mulher forte, independente e autossuficiente, reforçando a imagem de que ela não precisa de ninguém, gerando, conseqüentemente uma solidão. Essa situação proporciona para a mulher gozo e desconforto, pois ao mesmo tempo que sente prazer em ser vista como uma pessoa independente e que consegue chegar em seus objetivos sem ajuda, ela também sente desconforto em saber que não tem o afeto e o cuidado das pessoas.

No caso clínico de Angélica também aparece questões relacionadas a um superego bem marcante. A paciente diz: “não consigo ser leve e não me permito errar”. Em vários momentos da psicoterapia ela cita exemplos de situações em que sofreu por não ter conseguido o resultado desejado, sentindo assim que teria fracassado. Angélica também afirma que durante sua infância ela sempre foi ensinada a fazer o melhor, e seu pai e sua avó sempre exigiam acertos, não aceitando os erros. Então Angélica cresceu em um ambiente onde não havia espaço para imperfeições, assim, todas as vezes que algo não acontece conforme o esperado, ela sofre com crises de ansiedade. Tendo em vista os aspectos mencionados acima, a paciente afirma ser controladora com tudo ao seu redor.

É importante ressaltar que atualmente a paciente mora sozinha, tem seu negócio próprio e se organiza em busca de um relacionamento saudável, em que ela possa construir uma família. Em determinada sessão Angélica afirma estar frustrada, pois ela descobre que o seu “grande amor” (um caso da adolescência) teve um filho com outra mulher. Ela relata que “queria ter uma filha com ele, mas ele teria que ser pai somente da filha dela”. A paciente afirma: “meu maior sonho é construir a família que nunca tive”, inclusive esse sonho a deixa ansiosa, pois ela se sente velha e ainda não tem previsão de quando poderá ser mãe e ter um companheiro.

Ao longo da psicoterapia a paciente apresentou características de uma melhora em relação a compreensão desse relacionamento conflituoso de mãe e filha, e conseguiu se

posicionar em relação ao medo de dizer não, também teve uma menor reincidência nas crises de ansiedade e enxaqueca, porém, continuou com uma raiva incessante da mãe. E ainda continua em acompanhamento. Vale ressaltar que no início do tratamento, a paciente assina o termo de consentimento, autorizando que o caso fosse estudado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista o estudo de caso clínico qualitativo apresentado, vemos que Angélica é uma mulher solitária e que está imersa em questões e problemas familiares, a paciente demanda grande parte de suas questões ao grupo de pertencimento primário, vemos assim, que ela quase não se insere em grupos secundários, deixando de ter contato com novas referências afetivas, ficando vulnerável ao seu pequeno núcleo familiar problemático. Sendo assim, o sentimento de pertencimento de grupos secundários fica defasado, gerando conflitos existenciais oriundos de sua solidão. A paciente apresenta uma dependência nada saudável de seu grupo primário, sempre trazendo demandas relacionadas aos seus familiares; é pertinente destacar que a rejeição que Angélica sofreu na infância a afeta na sua vida como um todo, a mesma tenta se desvincular dessa relação primária prejudicial, porém acaba se vendo emaranhada pelas situações que a envolvem. Para Correa (2000), o desamparo inicial do sujeito indispensavelmente cria um vínculo de dependência do mesmo em relação ao seu grupo primário.

Fica nítido que a paciente tem uma família com marcantes traços do período contemporâneo, a mesma vive o trauma da separação dos pais e do abandono por parte da mãe, sendo assim, ela é criada pela avó e pelo pai, exemplificando uma característica marcante desse tempo histórico, em que os casamentos não são duradouros, sendo rompidos assim que o desejo entre os cônjuges acaba ou assim que problemas começam a aparecer. Nesse período se torna muito corriqueiro o estilo de família monoparental em que os filhos são criados por apenas um dos pais, ou então filhos de casamentos anteriores que integram uma nova família, gerando assim diferentes regimes de autoridades na vida da criança, como no caso de Angélica. (BIRMAN, 2017). Durante as sessões Angélica relata sentir orgulho de ser uma mulher

independente e que tem suas próprias conquistas, mas em contrapartida também afirma se sentir solitária sem poder “contar com alguém”.

Vale pontuar que Angélica foi deixada pela mãe por volta dos seus cinco anos de idade, ou seja, em sua primeira infância, fase que é extremamente importante para o desenvolvimento da criança. Adentrando na relação mãe-bebê percebemos que a mãe não se apropriou de sua função materna; função esta que é essencial no cuidado para com o bebê. Em relatos da paciente ao longo das sessões, aparecem cenários de um possível descuido por parte da mãe, pois Angélica relata que a mesma demorava trocar a fralda suja e não esquentava o leite para dar a mamadeira. A paciente afirma que soube dessas histórias por parentes próximos. Portanto, podemos constatar que a paciente não teve o olhar da mãe e o investimento necessário para oferecer a ela limites e segurança, portanto desde os primórdios de sua vida existem questões em seu psiquismo ligadas ao abandono e desamparo. Segundo Green (1988, Apud RODRIGUES; LAZZARINI, 2014), a construção do eu corporal ocorre por meio do olhar da mãe e do espelho que esta representa para o bebê. Desta forma, o olhar da mãe é fundamental para a constituição psíquica do bebê, pois de início, o recém-nascido comunica com o mundo por meio de seu corpo, conseqüentemente o investimento que a mãe oferece ao bebê fornece a ele limites e segurança, questões estas que farão parte do psiquismo do bebê. É interessante ressaltar que Angélica acredita ter sido bem cuidada e desejada na infância; sendo abandonada apenas no ato da separação dos pais.

Ao longo das sessões, Angélica tem insights sobre algumas manias que a cercam e estão diretamente relacionadas ao abandono da mãe. A mesma relata que sente muita vontade de tomar leite gelado (assim como era a mamadeira que sua mãe preparava), porém sempre que tenta ingerir a bebida, tem ânsia de vômito. A paciente continua dizendo que quando sua mãe a abandonou, em uma ocasião específica, sua avó foi lhe dar leite na mamadeira e ela não aceitou, e pedia desesperadamente a mamadeira preparada pela sua mãe, depois desse acontecimento Angélica nunca mais tomou leite. Afirma também que não consegue dormir sem um lenço no rosto, assim como sua mãe a fazia dormir.

Segundo Dias (2003), a desadaptação da mãe dá início a um processo de desilusão da criança, porém essa desilusão só pode ocorrer se houver uma bem fundada capacidade para a ilusão. Segundo Winnicott (Apud DIAS, 2003), o que o bebê deixa para trás ao amadurecer não

é uma ilusão básica, mas sim a ilusão de onipotência. Portanto, vemos, nesse caso em questão, que os estágios fundamentais em que a criança passa da dependência absoluta à dependência relativa da mãe, até a independência, foram abruptamente interrompidos, pulando as etapas iniciais do amadurecimento infantil, conseqüentemente causando traumas que persistem ao longo da vida da paciente. É notório que através desses atos na vida adulta, a mulher deseja em seu inconsciente voltar a esse estágio de dependência absoluta, em que sua mãe estava presente, porém, esse retorno à infância aparece de uma forma tão dolorosa e pesada que a paciente não consiga ao menos beber o leite sem passar mal, percebemos que essa tentativa de retorno inconsciente desenvolve em Angélica uma personalidade ansiosa e neurótica. Vale destacar que para Angélica é a bebida em questão que faz referência direta ao cuidado materno.

Estudando o caso de Angélica, notamos que houve transmissões psíquicas geracionais, que foram transmitidas pelos seus pais e avós. Esse fato é perceptível em uma situação específica, quando a paciente relata sobre o fim de seu relacionamento. Ela afirma que colocou um fim em seu casamento, pois seu marido era viciado em bebidas, então sempre estava fora de casa bebendo, conseqüentemente ela se sentia sozinha e desamparada, a mesma afirma que foi trocada pela bebida. Quando questionada sobre a separação de seus pais, a paciente relata que o rompimento deles aconteceu, pois, o pai era viciado em jogos e então sempre estava fora de casa, gerando conflitos no relacionamento.

Com os fatos mencionados acima fica claro que Angélica repetiu aquilo que não foi elaborado por ela, que se manteve em um lugar inacessível de formação. Mesmo a paciente tendo acesso a história de seus pais, esta não aparece elaborada e entendida, sendo mais vista como um relato que não teve importância e por isso não foi dito ao longo dos anos, sendo assim, a mesma se apresenta como uma personagem de uma transmissão psíquica transgeracional. Pois, segundo Braga (2011), o trabalho do negativo no psiquismo corresponde a uma transmissão, em que um objeto psíquico permanece em segredo, “escondido” pela primeira geração, mas, mesmo assim, acaba sendo transmitido à segunda geração, por meio de manifestações não verbais ou mesmo de passagens ao ato. Em outras situações também fica notório a semelhança que inconscientemente Angélica constrói com sua mãe, mesmo que a paciente faça de tudo conscientemente para ser diferente da progenitora, então, partindo do princípio que a transmissão psíquica está presente na estruturação do sujeito, podemos

constatar que a vida particular de uma pessoa pode se tornar alienada pela interdependência psíquica, pois ela pode, ser a reprodução programada e automática de várias histórias de familiares que vieram antes dela (HORSCHUTZ, 2009).

Analisando Angélica e sua relação com a família, podemos pensar, segundo a fase do complexo de Édipo, que ela teve e ainda tem uma identificação tão intensa com a mãe que desejou o pai realmente só para ela. É interessante notar que a paciente se mantém nesse lugar de conquista do amor do pai, sempre fazendo aquilo que o agrada. Em dado momento da psicoterapia, a mulher afirma que a partir dos acontecimentos de sua infância foi se tornando uma garota forte, porque seu pai e sua avó a colocavam nesse lugar. A paciente foi questionada sobre o que a mantém neste lugar de força e o porquê ter que ser forte e impecável em todos os momentos. Angélica relata que se manteve nessa posição por medo de perder o amor do pai, pois ela só tem o amor dele. Sendo assim, vemos o complexo de Édipo bem presente nessa relação da paciente com seus pais.

O Complexo de Édipo foi pensado por Freud no final do século XIX, quando ele introduz o conceito de que o pai gera um filho que mais adiante será seu assassino. Com isso, o desejo do incesto e o desejo de matar o pai, ficou marcado na família edípica. Posto isto, e analisando a paciente e seu contexto familiar, pela via da psicanálise freudiana o desejo do incesto e o desejo de matar o “pai” (nesse caso, a mãe) estão presentes, mesmo que inconscientemente nessas relações. É interessante pontuar que a paciente e sua mãe vivem numa constante disputa, que inconscientemente acreditamos ser pelo amor desse homem e também pai.

Ainda sobre o caso de Angélica, podemos afirmar que ela projeta no seu futuro algo que não recebeu no seu passado, ela afirma que seu maior sonho é ser mãe de uma menina e dar todo o amor que nunca recebeu para ela. Vemos então que a paciente teve um processo de sublimação, em que seus impulsos de traumas inconscientes foram integrados em sua personalidade resultando num desejo positivo de ser mãe. A mesma gera inconscientemente no seu psicológico uma forma de representação parental, sendo: o bebê fantasmático, que segundo Golse (2002), é aquele que a mãe tem em mente a partir da sua própria história, gerado por fantasias inconscientes. É importante ressaltar que a parentalidade começa muito antes da gestação ou do nascimento do bebê, a mesma tem início no desejo dos pais; quando analisamos

as brincadeiras de bonecas, ou as fantasias infantis, vemos que as representações maternas antecedem a gestação, começando logo na infância.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs compreender, por meio de estudo de caso clínico qualitativo, a influência que o grupo familiar ou primário tem nas relações que o sujeito estabelece ao longo da vida. Foi possível observar através dos estudos psicanalíticos, que a figura materna é crucial para um desenvolvimento emocional saudável no indivíduo, pois a maneira com que o vínculo com essa figura é estabelecido, logo nos primeiros dias de vida, ou até mesmo na vida intrauterina faz com que o bebê tenha segurança para formar sua personalidade e criar sua autonomia ao longo de seu desenvolvimento. Com o estudo de caso foi possível contatar com clareza como a vida da paciente foi afetada pela rejeição que sofreu de sua mãe na primeira infância. Mesmo que a paciente seja uma adulta, autônoma e independente, é possível perceber que suas questões psicológicas estão totalmente interligadas ao relacionamento com a mãe.

Ao longo do trabalho ficou claro que as questões do histórico familiar influenciam diretamente nas atitudes, características e cultura que cada família carrega. Sendo assim, ao analisar um grupo familiar é importante entender qual seu tempo histórico e como a sociedade interfere nas relações estabelecidas dentro de casa. Fica nítido que em cada tempo, cada tipo de família vai criando suas próprias demandas, que são influenciadas pelo passado, mas também levam em consideração com os moldes atuais. Então, a cultura do grupo primário interfere diretamente nos relacionamentos que serão estabelecidos por cada membro da família. Com certeza a escolha de cada relação trará consigo peculiaridades que só serão explicadas analisando o contexto grupal familiar.

No quesito parentalidade podemos constatar que se tornar pai e mãe é mais complexo do que o simples fato de ter um filho, é interessante ressaltar que o movimento para a parentalidade é uma junção de processos internos, que começa a acontecer ainda quando o indivíduo é uma criança. Deste modo, podemos afirmar que as atitudes dos pais e cuidadores influenciam não apenas os seus próprios filhos, mas também, os filhos de seus filhos e as demais gerações. Com isso, podemos destacar a responsabilidade que os pais carregam em educar suas crianças, e

principalmente proporcionar um ambiente emocional propício para que os filhos possam se desenvolver de uma maneira equilibrada influenciando os próximos descendentes.

Destaca-se ainda que toda família carrega consigo um denominador comum dos fantasmas inconscientes, por isso, ao longo das gerações, as heranças psíquicas geracionais são transmitidas para seus sucessores. Por isso, vale ressaltar a importância da comunicação e da resolução de conflitos dentro do ambiente familiar, pois vemos ao longo do trabalho, que aquilo que permanece como um segredo familiar, é transmitido para as demais gerações de forma transgeracional, então, o indivíduo repete situações e histórias que ele nem se deu conta, pois isso não foi elaborado. Já quando os problemas familiares e angústias são postas para toda a família de forma madura, a transmissão também pode acontecer, porém de uma forma elaborada, podendo ser alterada pelos receptores. Essa transmissão é o que chamamos de transmissão psíquica intergeracional.

Ainda sobre a família, vemos que a Psicanálise tem uma visão que ela é um grupo aberto que leva em consideração a individualidade de cada sujeito. Por isso, é importante considerar as peculiaridades de cada indivíduo nas relações em que estes estabelecem. Sabemos que as vivências familiares ao longo da vida influenciam diretamente no funcionamento geral do ser humano e também nas suas relações interpessoais. Porém, não podemos reduzir a pessoa aos seus acontecimentos familiares, como se existisse um padrão de resposta para determinados eventos, mas sim, entender que cada ser é único e responde de formas variadas a situações parecidas. Sendo assim, para psicanálise toda família é única e diferente.

Adentrando na questão relacional, é perceptível que os adultos refletem conscientemente ou inconscientemente grande parte do que viveram e aprenderam durante as fases de infância e adolescência no âmbito familiar. Por isso, em muitos casos, haverá uma repetição de relações e de escolhas que só serão explicadas mediante uma análise das vivências passadas, no contexto grupal familiar. Como já mencionamos acima, o caso de Angélica ilustra uma repetição de um padrão de relacionamento, em que a mulher namora e casa com um homem que tem a mesma conduta de seu pai, interessante que o casamento é rompido pelo mesmo motivo que o da sua mãe. Ainda no caso de Angélica, vemos que ela não consegue ter muitos amigos, se tornando uma pessoa solitária. Isso pode ser explicado pela maneira séria que Angélica se apresenta, não permitindo criar novos vínculos e novas relações, o que está totalmente

interligado com a maneira que seu pai e sua avó exigiam que ela, ainda enquanto criança, se portasse. Vale ressaltar, que nem sempre haverá uma repetição nas relações, mas sempre haverá a influência de vivências passadas. São inúmeros e singulares os casos de pessoas que tem suas relações acometidas por traumas vivenciados na infância e adolescência, sendo assim, alguns indivíduos não conseguem confiar em seus parceiros, outros não conseguem ficar em um mesmo relacionamento por muito tempo, vemos também pessoas que estabelecem relações abusivas, sendo os abusadores ou permitindo ser os abusados.

Levando em consideração os aspectos apresentados no artigo, é interessante levar em consideração que a constituição familiar não influencia apenas relacionamentos amorosos, mas abrange a construção do sujeito em todo e qualquer relacionamento. Sendo assim, ter o conhecimento sobre questões tão comuns e ao mesmo tempo tão particulares, como as de uma família, faz com que o indivíduo tenha um despertar para a seriedade de ser responsabilmente intencional com a criação de filhos e com as escolhas dentro do grupo familiar. Vale salientar também, que ao se deparar com as questões mencionadas no artigo, o ser humano gere o desejo de prestar mais atenção em suas relações, podendo assim, associar com suas questões primitivas familiares, dispondo a liberdade de entender melhor suas atitudes, que muitas vezes são inconscientes.

ABSTRACT:

This study aims to understand the contribution of the family group to the relationships that the subject establishes throughout their experiences, as the family occupies an extremely important place in the development of its members, representing the first group of belonging of the subject, being known as the primary group. In the study, the qualitative method was used, from the study of a case that was analyzed through discourse and interpreted by psychoanalysis. Throughout the research, themes such as family history, parenting, the family in a psychoanalytic view, the mother-infant relationship and generational psychic transmissions were addressed. Through the themes mentioned, it was possible to understand how human beings organize themselves in their relationships, influenced by the way the family group is structured in relation to its individuals. With that, it was also possible, through the clinical case study, to observe how the family is a precursor of the subject's psychic formation. Therefore, there is a need for more studies in this area so that the family and interpersonal relationships are scientifically well supported.

Keywords: Family; Relations; Psychoanalysis; Subject; Mother; Édipo; Streaming.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN J. Café Filosófico. **A evolução da família.** (Youtube). 04 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=74uaghhoxns>. Acesso em: 03 de maio de 2021. (43m37s).

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOLSSON, J, Z.; BENETTI, S, P, C. Angústia infantil um estudo de caso clínico. **Aletheia**, Canoas, n. 34, p. 61-80, 2011.

BRAGA, L, L. **Transmissão transgeracional do trauma e resiliência em descendentes de sobreviventes da Shoah:** um estudo qualitativo. 341 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2011.

CARDOSO, J.; VERISSIMO, M. Estilos parentais e relações de vinculação. **Análise Psicológica**, Lisboa, vol. 31, n. 4, p. 393-399, 2013.

CARVALHO FILHO, J, G, T. CHAVES, W. C. A acepção de família na teoria psicanalítica: Sigmund Freud, Melanie Klein e Jacques Lacan. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 41, p. 110-118, 2014.

CARVALHO FILHO, J, G, T. O conceito de família da teoria psicanalítica: uma breve revisão. **Pesquisas e práticas psicossociais**, São João Del Rey, vol. 3, n. 1, p. 117-121, 2008.

CORREA, O, B, R. **O legado familiar:** a tecelagem grupal da transmissão psíquica. Rio de Janeiro: Contra capa editora, 2000.

DARLING, N.; STEINBERG, L. Parenting style as context: an integrative model. **Psychological Bulletin**, vol. 113, n. 3, p. 487-496, 1993.

DIAS, E, O. **A teoria de amadurecimento de D. W. Winnicott.** Rio de Janeiro: Imago, 2003.

EIGUER. **Um divã para a família:** do modelo grupal à terapia familiar psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERRARI, A, G. PICININI, C, A. LOPES, R, S. O narcisismo no contexto da maternidade: algumas evidências empíricas. **Psico**, Porto Alegre, vol. 37, n. 3, p. 271-278, 2006.

FREUD, S. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. *In*: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 214-224.

_____. (1939). Moisés e o monoteísmo. *In*: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução ao narcisismo. *In*: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 83-119.

GOLSE, B. **Do corpo ao pensamento**. Lisboa: Climepsi, 2002.

GUTIERREZ, D, M.; CASTRO, E, H.; PONTES, K, D. Vínculo mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. **Rev. NUFEN**, São Paulo, vol. 3, n. 2, p. 3-24, 2011.

HORSCHUTZ, R, W. A herança psíquica. **Cadernos Junguianos**, São Paulo, n. 5, 2009.

KLEIN, M. **Contribuições à Psicanálise**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LEMOS, S, C, A.; NEVES, A, S. Os processos de construção psíquica do sujeito na perspectiva da psicanálise da família e casal. **Psicol. Clin.**, Rio de Janeiro, vol. 31, n. 1, p. 55-75, 2019.

PASSOS, M, C. Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009. p. 11-23.

POULICHET, S. O conceito de narcisismo. *In*: NÁSIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise**. Trad. Vera Ribeira. Rio de Janeiro, 1989. p.47-73

RODRIGUES, R. L.; LAZZARINI, E. R. **O investimento narcísico da mãe e suas repercussões maternas primárias**. Belo Horizonte, 2014.

ROSA, C, D. O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. **Natureza Humana**, São Paulo, vol. 11, n. 2, p. 55-96, 2009.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SANTOS, V, O.; GHAZZI, M. S. A transmissão psíquica geracional. **Ciência e Profissão**, vol. 32, n. 3, p. 632-647, 2012.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VELUDO, C, M, B.; VIANA, T, C. Parentalidade e o desenvolvimento psíquico na criança.
Paidéia, vol. 22, n. 51, p. 111-118, 2012.